



“UM CORPO TODO”: LUÍSA MARILAC E A CORPOREIDADE DE SUAS NARRATIVAS DE SOBREVIVÊNCIA QUEER

Ruan Carlos Sansone¹
Dinora Tereza Zucchetti²

Resumo: Este artigo apresenta uma análise teórico metodológica a partir de narrativas de situações de discriminação, preconceito e violência presentes na biografia “Eu Travesti” (MARILAC; QUEIROZ, 2019), e em relatos midiáticos da travesti Luísa Marilac, a partir dos campos teóricos dos estudos de gênero e de sexualidade, sob uma perspectiva pós-estruturalista. Entendendo corpo, como um produto social, cultural, histórico e questionando a ideia de separação entre corpo-natureza e o corpo-cultural (LOURO, 2000), e operando a partir da lógica da corporeidade (FREITAS, 1996) são problematizados os processos de naturalização do preconceito, transfobia, violências, e as estratégias de sobrevivência da vida queer (CORNEJO, 2015).

Palavras-chave: Corpo; Corporeidade; Travesti; Vida Queer.

INTRODUÇÃO

Quer um nome pro que sou? Chame de travesti. Travesti. Isso mesmo. A palavra na qual se cuspiu. A palavra que não cabia no dicionário, nos seus livros de biologia ou na mesa de jantar da família tradicional brasileira cabe perfeitamente na marginalidade da minha vida. Quero todos os significados que ela traz. Travesti é mulher ou é homem?, você me questiona. E eu te respondo: por quê precisa dessa pergunta? Travesti como gênero autônomo. Travesti porque causa confusão. Travesti porque não é simples pra mim também. (MARILAC, Luísa; QUEIROZ, Nana, 2019, p. 17).

Essa narrativa, nos convoca a olhar e colocar sob suspeita os discursos impostos pela sociedade sobre o lugar e a forma como a mulher travesti e transexual é vista e se vê, na contemporaneidade brasileira. Demonstra uma resistência e um ato de reivindicação às normas, uma recusa aos padrões impostos aos gêneros e a sexualidade na sociedade. Além da instabilidade perturbadora, e que faz com que se criem uma “espécie de devir-transviado e criativo que os corpos não são mais dóceis” (PRECIADO, 2011, p. 15). Assim como, a sua reafirmação do eu travesti, torna-se um ato político, no sentido de “politicamente em virtude da vulnerabilidade social dos seus corpos – como lugar de desejo e de vulnerabilidade física, como lugar público de afirmação e de exposição” (BUTLER, 2006b, p. 46), e acerca da sinergia de vulnerabilidades (PARKER, 2000), precariedades e dos poderes do luto e da violência e da complexidade de sentidos do ser e estar no mundo como travesti.

METODOLOGIA.

A análise metodológica aqui aplicada, consiste em uma investigação biográfica-narrativa, no qual o uso do método biográfica, de tal modo, apoiamos em Cecília Galvão (2005),

¹Orientador Educacional, Pedagogo, da Universidade do Vale do Rios dos Sinos (Unisinos). E-mail: ruansr@unisinos.br

² Doutora em Educação, Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale. Pesquisadora CNPq. E-mail: dinora@feevale.br



afirma que “sob o termo de investigação narrativa incluem-se várias perspectivas, desde a análise de biografias e de autobiografias, histórias de vida, narrativas pessoais, entrevistas narrativas, étno-biografias, etnografias e memórias populares” (GALVÃO, 2005, p. 329).

Pela potência da história de vida, e das situações narradas por Luísa Marilac, que nos convocam a reflexão, escolhemos problematizar neste artigo suas narrativas, a partir dos campos teóricos dos estudos de gênero e de sexualidade, sob uma perspectiva pós-estruturalista, e através dos relatos midiáticos a forma como a mídia produz estereótipos que definem os modos como as pessoas se relacionam com as diferenças. Conforme Leonor Paniago Rocha e Marlene Barbosa de Freitas Reis (2020):

“História de Vida o indicado por Berthaux (1980) como *life story*, isto é, sendo o estudo que utiliza como fonte única de dados a estória ou relato de vida como o sujeito a narra. Nesse sentido, estamos defendendo que as narrativas compõem a estória de vida, sendo esta última muito superior à primeira” (ROCHA, Leonor Paniago; REIS, Marlene Barbosa de Freitas, 2020, p. 3).

Assim toda a sinergia da história de vida, as situações vivenciadas por Marilac, vai demonstrando a potencialidade da vida cotidiana e a importância do senso comum, aqui entendido conforme José de Souza Martins (1998), diz “o senso comum é comum não porque seja banal ou mero e exterior conhecimento. Mas porque é conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social”, (MARTINS, 1998, p. 3).

De tal modo, é importante ressaltar que através da partilha de suas vivências, Luísa Marilac tornou-se considerada precursora no campo LGBTQIAP+, como uma das primeiras travestis³ no Brasil a ganhar projeção nacional através da internet, ao compartilhar sua trajetória de vida marcada pela violência, transfobia, discriminação, preconceito, homofobia e violência, no qual muitas pessoas LGBTQIA+, em especial as mulheres transexuais vivenciam, principalmente na escola⁴, e no qual a violência está muito presente quando se trata da população trans.

UM CORPO TODO

³ Nos referimos à Luísa Marilac usando o termo “travesti”, em respeito à forma como ela prefere ser chamada, conforme descreve em sua biografia: “quer um nome pro que sou? Chame de travesti. Travesti. Isso mesmo” (MARILAC; QUEIROZ, 2019, p. 17).

⁴ Trata-se da pesquisa “A produção de sentidos sobre afeto, amor e cuidado na formação inicial docente sob a perspectiva de gênero” (DAL’IGNA, 2017) à qual vincula-se o trabalho de conclusão de curso intitulado à qual vincula-se o Trabalho de Conclusão: “Bixinha. Eu nem sabia o que era isso até entender que eles estavam tentando me ofender”: narrativas de pessoas LGBT sobre a escola (SANSONE, 2020). No qual foi problematizado as narrativas escolares de pessoas LGBTQIA+, e tive contato pela primeira vez com a obra e história de Luísa Marilac.



Corpo de criança não tem rótulo ou seção. Não há divisória entre zonas eróticas e áreas de puro afeto. Corpo de criança não conhece demarcações, é como um continente sem países. Ele só existe no puro conforto dos espaços a serem explorados e das maravilhas infinitas de significados possíveis. (MARILAC, Luísa; QUEIROZ, Nana, 2019, p. 13).

O corpo de Marilac, um corpo todo, em todas as suas dimensões sempre foi político, no seu existir, nas formas de ver e estar no mundo, desde criança e antes mesmo de que ela pudesse ficar conhecida do grande público, um corpo que afronta as regulações produzidas pela heteronormatividade. No ano de 2011, Marilac ficou conhecida nacionalmente, tornando-se uma Personalidade da Mídia⁵, já que ficou famosa após um vídeo viralizar na internet onde ela está tomando “uns bons drinques”, curtindo na piscina de sua casa na Espanha e, em tom de alegria e deboche, dizendo:

Tabela 1.

“E ainda teve boatos de que eu estava na pior, [...] se isso é tá na pior o que é estar bem, né?”.

Fonte: MARILAC, Bons Drink - A origem, 05 de jul. de 2014, Youtube.

Em uma reportagem do Portal Extra (2011), ela diz que jamais pensou em fazer sucesso quando decidiu postar um vídeo no Youtube, mesmo assim, decidiu colher os louros da fama. *“Piscina’ e ‘bons drink’ agora, só aqui no Brasil, ou pelo menos enquanto o sucesso durar.”* (CONHEÇA AS REPRESENTANTES..., 2011). Mas o que está além dessa frase que viralizou nas redes sociais em 2011 e está presente na vida e no cotidiano das relações da comunidade LGBTQAP+ até os dias de hoje? Atrás dessa frase, tem muita história de discriminação, violência e preconceito que começaram na escola, conforme ela nos mostra no excerto abaixo:

Se for dar o nome de estupro a tudo que as meninas bem-cuidadas de classe média chamam de violência sexual, já fui estuprada mais vezes do que posso contar. Por homens adultos que me buscavam na porta da “escola primária” e me comiam escondidos de suas esposas. Por estudantes que empurravam os pintos na minha boca no banheiro sem fazer caso ou pergunta e nem esperavam o gozo esfriar antes de me ameaçarem de morte caso eu contasse a alguém. Por muitos desses. Sobrevivi porque em todos os casos fui capaz de encontrar algum tipo de prazer e me refugiar nele. “Prazer” eu chamei pra mim todas aquelas violências. (MARILAC, Luísa; QUEIROZ, Nana, 2019, p. 21.)

⁵ No ano de 2011, o Portal Extra, apresentou uma reportagem com o título “Conheça as representantes de uma nova profissão: Personalidade da Mídia. Na reportagem, diz que o termo “Personalidade da Mídia” apareceu pela primeira vez no Brasil em 2011, quando Renata Banhara entrou no reality show “A Fazenda”, da Record TV, sendo classificada como uma personalidade da mídia, já que era difícil classificar a profissão artística de Banhara (SANSONE, 2020).



O excerto acima, demonstra uma linha de sentimentos regados de medos, dores, lutas e resistências além de uma série de violações do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, principalmente se considerarmos o tempo dos acontecimentos que foram vivenciados na infância. O que demonstra que as crianças queers “inventam para si um modo de vida menor, que nunca existe pronto, mas só se constitui sobre linhas de fuga que são tanto maneiras de avançar quanto de atacar” (DELEUZE; PARNET, 1988, p. 56 apud SILVA; PARAÍSO, 201, p. 8), para minimizar as dores. Revelando-se uma busca por aconchego e prazer, assim naturalizando tais situações apesar das violências, dado o caráter abjeto de seus corpos, cavam possibilidades de “sobrevivência queer” (CORNEJO, 2015, p. 133). No qual os sujeitos criam formas para estarem resistindo às tentativas de normalização cheias de violências sobre elas investidas, demonstra uma “Vida Precária” (BUTLER, 2006). alvo de discursos e movimentos políticos que ostentam defendê-la da “ameaça” homossexual, que os obriga vivenciar todos os dias com ações de violência, dor, medo e humilhações por não estarem adequados as formas de ser, estar, e se portar no mundo durante a infância. No que se refere a essa vulnerabilidade e ao entendimento da precariedade, BUTLER (2006), nos ajuda a compreender tal violência.

A violência é certamente uma mancha terrível, uma maneira de expor, da forma mais aterrorizante, a vulnerabilidade primária humana a outros seres humanos. É a forma pela qual somos entregues, sem controle, à vontade do outro, um modo em que a própria vida pode ser expurgada pela ação intencional do outro. Na medida em que cometemos violência, estamos agindo no outro, colocando o outro em risco, violando o outro, ameaçando expurgar o outro. De certa forma, todos nós vivemos com essa vulnerabilidade particular, uma vulnerabilidade ao outro que faz parte da vida física, uma vulnerabilidade a um chamado repentino vindo de algum lugar que não podemos antecipar (BUTLER, 2006, p. 49)

Nessa sinergia de violência e dor vivenciadas na infância, conforme MARILAC (2019), diz, “antes de ser travesti e de ser puta, eu fui criança como todo mundo. E eu tinha um corpo que não era nem de menino, nem de menina. Era só um corpo de gente. Um corpo todo” (MARILAC; QUEIROZ, 2019. p. 13). E no qual se espera que na infância se tenha uma “imagem ufanista, cheia de otimismo, de que a infância seria, para todas as crianças, a melhor fase da vida, um lugar paradisíaco, cheio de brincadeiras e divertimentos” (SILVA, 2018, p. 33).

O que também podemos observar é que a escola se torna o primeiro local muitas vezes de socialização dos sujeitos e seus corpos que passam por um “processo civilizador” (ELIAS, 1997), já que a escola se constituiu a partir de pressupostos tributários, constituída sobre um



conjunto de normas, valores e crenças, centrados e responsáveis por reduzir, inferiorizar e julgar a imagem do outro, e quem não se encaixa nas normas pré-estabelecidas da figura do masculino, adulto, branco, heterossexual, burguês e saudável, é considerado inferior, estranho, pervertido, criminoso, contagioso e até mesmo pecador. E no qual a Diversidade, provoca a ruptura sobre gênero em especial a comunidade LGBTQIA+ na figura das mulheres trans, e que Maciel (2016, p. 9), chama de “[...] bandeira ambulante”, contrariando “[...] os modelos de comportamentos ditados pelo capitalismo cristão, pela monogamia, pela fidelidade e pela procriação, ainda não são aceitos nas escolas.” Pois, “[...] tudo isso nos remete à herança de uma educação tradicional, de origem europeia.” (WESCHENFELDER, 2021, p. 119). No qual estamos aqui refletindo sobre as formas de violência produzidas e reproduzidas pela escola, sendo importante frisar que não estamos procurando demonizar ou culpabilizar ninguém, mas também cabe problematizar as situações que os sujeitos que compõem a Diversidade⁶ vivenciam na escola. A equipe diretiva, professores e professoras, estudantes, funcionários e famílias têm responsabilidades sobre isso, com a possibilidade de romper a dicotomia, para que não seja afirmado as construções sociais da heteronormatividade que delega para cada gênero uma função, e produz novas formas de divisão. Louro (1999, p. 21) observa que a escola tem uma importante função social, porque: “[...] suas proposições, suas imposições e proibições fazem sentido, têm ‘efeitos de verdade’, constituem parte significativa das histórias pessoais. “Porém, as crianças aprendem, antes de seu ingresso escolar, o que é ou não permitido para seu gênero, a partir de insultos, que produzem sentimentos nas vítimas dessa violência, em que se tornam alvo do que Junqueira (2009) chama de “escarneio coletivo”, sem mesmo se identificar com uma coisa ou outra, sem que consigam entender a diferença dos modos como estão sendo atacados.

INFÂNCIA QUEER

A história da Luísa Marilac, em sua narrativa demonstra uma série de violências, de uma infância cheia de sofrimento, tristeza, dor e violência que vai além da escola, mas presente em sua relação familiar com sua mãe e que se inicia quando ela completa 5 anos de idade, e seu corpo começa a se portar de forma diferente das regulações produzidas pela heteronormatividade, que impõe um o padrão heterossexual de conduta como único válido

⁶ Importante, destacar que entendemos a Diversidade como a representação de pessoas com afiliações grupais em um sistema social (BERNSTEIN; 2020), no qual nos propomos apresentar as problematizações implicadas para alguns estudantes que apresentam suas especificidades como seres únicos, (SALES, 2022).



socialmente e de postura social e cultural (BENTO, 2008). A seguir analisando a infância queer e situações descritas por Luísa Marilac em sua biografia, nos deparamos com o compartilhamento de uma situação de abuso sexual vivenciado por ela e descrito no capítulo intitulado “A pior surra da minha vida”, e no qual nos permitidos trazê-lo para o texto em uma citação mais demorada, diz ela:

Minha mãe trabalhava e eu estava aos cuidados de um homem do meu círculo familiar. No sofá da sala, o homem parrudinho de cabelo liso me convidou a sentar com ele. Eu gostava de colo, de presença, das imagens coloridas da televisão. Eu gostava do contato de outro corpo, eu me sentia segura [...] Ele me propôs um jogo que começaria com ele ajustando meu tronco pequeno contra o braço do sofá. Aceitei, curiosa. De repente, porém, o homem parrudinho explodiu em milhares de tentáculos que se lançaram sobre mim, serpenteando sobre minhas roupas, comprimindo meus ossos. Minha cabecinha tentava capturar explicações entre as gotas de sangue da pequena poça do chão [...] Minha mãe chegou horas mais tarde, anunciando-se aos berros [...] Corri em seu socorro, com urgência dos braços da minha mãezinha pra me proteger e consolar de tudo que havia acontecido. E ela, enfurecida, encharcada, com as mãos brigando contra os nós do meu cadeado improvisado. Quando a porta finalmente se abriu, ela me segurou nos braços e me mordeu de raiva como um cão de rua, desses que nunca foram amados. E disse: “Mãe, o homem me machucou na minha bunda”. As mãos que vieram a mim, entretanto, não trouxeram as carícias que eu esperava, mas tapas. Enquanto me batia e gritava, me abaixou as calças. A visão da cueca sangrando a deixou ainda mais desalinhada. (MARILAC, Luísa; QUEIROZ, Nana, 2019, p. 13).

Essa história dolorosa, demonstra que a vida de Marilac desde cedo foi regada na luta da sobrevivência no qual crianças e adolescentes que, como ela, também experimentam em seus corpos os efeitos da não conformidade com os padrões instituídos pelas normas de gênero e sexualidade impostas na sociedade. A infância queer, está regada na luta e na resistência às normas e recusa aos padrões impostos para o brincar, viver de meninas e meninos, impostos pela sociedade heteronormativa, que dizem “[...] que menino tem de agir e brincar como menino; menina tem de usar cor-de-rosa e brincar como menina brinca, que menina não pode jogar futebol e que menino não pode se maquiar.” (REIDEL, 2013, p. 19). Nos apoiamos em Richard Miskolci nos ajuda a entender como entendemos a vida queer, aqui empregada na infância.

Nessa perspectiva queer, a ideia seria trazer ao discurso as experiências do estigma de humilhação social daquelas pessoas que são frequentemente xingadas, humilhadas por causa da sua não normatividade de gênero. Isso tudo 83 com o objetivo de modificar os aspectos da educação que ainda impõem, compulsoriamente, as identidades. (MISKOLCI, 2012, p. 17).

De tal modo, o corpo queer criança da Marilac, assim como o de tantas outras crianças, mulheres e pessoas LGBTQIAP+, por ser lido culturalmente como precário e sem peso de inteligibilidade, tornou-se objeto de violência (SILVA, 2018, p. 41). Essa violência, que “é



certamente uma mancha terrível, uma maneira de expor, da forma mais aterrorizante, a vulnerabilidade primária humana a outros seres humanos” (BUTLER, 2019c, p. 49).

Cabe ressaltar, que não entendemos esse ato de violência como um atravessando resultante na identidade de gênero e sexualidade de Luísa Marilac, mas assim como João Paulo de Lorena Silva (2018), apoiando-se em Cornejo (2015), teoriza que se o estupro tem o efeito de produzir um *maricón* é também porque produz homens hétero. O autor explica, fazendo menção a um texto de Butler (2016), que a “constituição de um sujeito exige uma identificação com o fantasma normativo do sexo: essa identificação ocorre através de um repúdio que produz um domínio de abjeção, um repúdio sem o qual o sujeito não pode emergir” (BUTLER, 2016, p. 156). Ao fim, Marilac compartilha que após o abuso, sentia que seu corpo suportava o peso de suas frustrações, que chegavam em palmadas cada vez mais duras, vindas de sua mãe e que dizia: “É mentira, você está mentindo.” (MARILAC, Luísa; QUEIROZ, Nana, 2019, p. 13). Problematizando a ação da mãe de Marilac, nos apoiamos em Jurandir Costa (1997 In: NASCIMENTO, 1997), onde diz que os agressores, encorajados a seguirem produzir violência através de uma legitimação, levam a um “alheamento” que naturaliza a violência, aqui empregadas nos processos e relações familiares.

“QUANDO EU CHEGUEI EM SÃO PAULO E EU VI UMA TRAVESTI, EU FALEI É AQUILO ALI QUE EU QUERO SER!”

Em uma entrevista concedida para o programa “Ponto de Vista 99”, publicado no YouTube no dia 05 de abril de 2016. Luísa Marilac, conta como se constitui travesti e histórias de violência que vivenciou, conforme destaque abaixo, no seguinte excerto:

Tabela 2.

“[...] Eu vim de uma cidade muito pequena, que é Além Paraíba em Minas Gerais. Me descobri homossexual lá, e cheguei aqui (Guarulhos-SP) e conheci o homossexual, travesti, e decidi virar travesti. Foi a onde eu comecei a fazer o processo de transformação, e com 18 anos eu fui para Europa. Com 16 anos, em Guarulhos eu tomei dezessete facadas, perdi um pulmão e fiquei dois dias em coma. Foi aonde eu tomei a decisão de ir embora para Europa. Porque naquela época era bem mais difícil do que hoje, ser travesti era muito mais complicado [...] Eu me via em um corpo que não era meu, eu não me identificava, eu esperava minha mãe sair, e acho que como todo homossexual naquele processo, experimentar roupa, botar salto. E na minha cidade por ser muito pequenininha, não tinha travesti. Tinha só uma que se vestia, mas não tinha seios, não tinha nada. Quando eu cheguei em São Paulo e eu vi uma travesti, eu falei é aquilo ali que eu quero ser! Foi a onde eu comecei a me jogar, eu cheguei em São Paulo e arrumei um trabalho, mas como eu comecei a me harmonizar, começou a aparecer os seios, ai me mandaram embora. Ai eu comecei a me prostituir, porque eu queria me fazer, eu queria me plastificar, não me identificava naquele corpo. Queria fazer todos os processos, como fiz”.

Fonte: MARILAC, Ponto de Vista 99, 05 de abril de 2016, Youtube.



Podemos identificar neste relato algumas questões relacionadas as noções de “Corpo” e “Corporeidade”. Estamos entendendo aqui corpo, indo além do artefato e objeto físico da matéria humana, mas considerando o corpo como um produto social, cultural, histórico e questionando a ideia de separação entre corpo-natureza e o corpo-cultural (LOURO, 2000), mas entendendo corpo como vocativo de gênero, sexo e raça-etnia no qual “os estudos queer, produziram um movimento de desconstrução dessa ideia, evidenciando que a anatomia não poderia ser considerada como um destino inexorável para a classificação de corpos” (SILVA, 2013, p. 31).

Deste modo, a partir do instante em que o sujeito não se reconhece e não se vê no seu corpo pertencente, várias outras questões de ordem psicológicas na esfera dos sentimentos começam a surgir, já que as marcas do nosso corpo podem expressar muito ou permitir representar muitas dos nossos desejos que precisamos “[...] ‘esconder’”, ‘negar’ e ‘matar’.” (HOOKS, p. 84 In: LOURO, 2000, p. 115). Já, a corporeidade está alicerçada na “relação interpessoal entre um corpo para com outro corpo e de um mesmo corpo com o meio em que vive” (NEVES, 2009, p. 24), sem que renuncie geograficidade, assim adentramos o campo transdisciplinar.

Tais movimentos são provocados, a partir de demandas sociais, de grupos em vulnerabilidade, marginalizados que se constituem em coletividades e das “reflexões em torno do desmantelamento da dicotomia corpomente, que além de possibilitar estudos sobre a representação cultural dos corpos em diferentes contextos. Também permiti a emergência das ideias de instabilidade e fluidez das identidades corporais, ultrapassando a ideia de corpo” (SILVA, 2013, p. 31).

Segundo Freitas (1999, p.57)

A corporeidade implica [...] a inserção de um corpo humano em um mundo significativo, a relação dialética do corpo consigo mesmo, com outros corpos expressivos e com os objetos do seu mundo (ou as coisas” que se elevam no horizonte de sua percepção). [...] Mas ele (o corpo), como corporeidade, como corpo vivenciado, não é o início nem o fim: ele é sempre o meio, no qual e por meio do qual o processo da vida se perpetua. (FREITAS, 1996, p. 17).

Justamente nessa relação com os outros corpos, Luísa Marilac conseguiu encontrar seu lugar no mundo ao ver pela primeira vez uma mulher transexual, conforme diz na entrevista “*Quando eu cheguei em São Paulo e eu vi uma, eu falei é aquilo ali que eu quero ser!*”, ela refere-se sobre o desejo de “*eu queria me fazer, eu queria me plastificar, não me identificava naquele corpo*”. (MARILAC, Ponto de Vista 99, 05 de abril de 2016, Youtube). Todas estas transformações refletem na forma de viver e de construir identidades de gênero e sexuais.



Quando Marilac, vivenciou uma situação de transfobia ao ser violentada e receber dezessete facadas, podemos constatar que cisnormatividade e a heterossexualidade (PRECIADO, 2017).

Assim, entraram em ação sobre seu corpo. Além disso, a partir das situações aqui analisadas, é possível identificar as formas como a violência opera sobre a sob a perspectiva de gênero e sexualidade, indo além de situações de violência física, conforme Gilberto Velho (2000), a violência não se limita ao uso da força e ação física, vai além, está relacionada ao poder e a “possibilidade ou ameaça de usá-la constitui dimensão fundamental de sua natureza” (VELHO; ALVITO, 2000, p. 12). O corpo provoca, tem muitas dimensões, já que um corpo político que conforme narrativa na biografia, desde criança sempre foi um território em disputa a partir dos vários marcadores sociais imbricados em relações de poder desse corpo com os outros.

REFERÊNCIAS

BERNSTEIN, Ruth Sessler; BULGER, Morgan; SALIPANTE, Paul; WEISINGER, Judith. From diversity to inclusion to equity: A theory of generative interactions. *Journal of Business Ethics*, v. 167, n. 3, p. 395- 410, 2020

BENTO, Berenice. O que é transexualidade. São Paulo: Editora Brasiliense, (Coleção Primeiros Passos), n. 328. 2008. p. 32-129.

BERNSTEIN, Ruth Sessler; BULGER, Morgan; SALIPANTE, Paul; WEISINGER, Judith. From diversity to inclusion to equity: A theory of generative interactions. *Journal of Business Ethics*, v. 167, n. 3, p. 395- 410, 2020.

BUTLER, Judith. *Deshacer el género*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

BUTLER, Judith. *Vida precaria: el poder del duelo y la violencia*. Buenos Aires: Paidós, 2006b.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BUTLER, Judith. *Vida Precária*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019b.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União* 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 13 jul. 2023.

CONHEÇA AS REPRESENTANTES DE UMA NOVA PROFISSÃO: PERSONALIDADE DA MÍDIA! Portal Extra [online]. 30/07/11 16:30. Disponível em: <https://extra.globo.com/famosos/conheca-as-representantes-de-uma-nova-profissaopersonalidade-da-midia-2342360.html>. Acesso em: 17 jul. 2023.



COSTA, Jurandir Freire. A ética democrática e seus inimigos: o lado privado da violência pública. In: NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do (Org.). Ética. Brasília: Garamond, 1997
CORNEJO, Giancarlo. Por uma pedagogia queer da amizade. *Áskesis*, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 130-142, jan./jun., 2015

DAL'IGNA, Maria Cláudia. A produção de sentidos sobre afeto, amor e cuidado na formação inicial docente sob a perspectiva de gênero. 2017-2024. Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade
e Educação, v. , n. , p. , 202_. E-ISSN: 2358-8853

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1988. In: SILVA, João Paulo de Lorena. PARAÍSO, Marlucy Alves. Bagunçando as normas de gênero: crianças transviadas e a invenção de outros possíveis no currículo escolar. Apud. 7º SEMINÁRIO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO. Minas Gerais, 2017. Anais..., Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2017. Disponível em: http://www.2017.sbece.com.br/resources/anais/7/1495486395_ARQUIVO_Baguncandoasnormasdegenero_SBECE_TextoCompleto.pdf

ELIAS, Norbert. Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GALVÃO, C. Narrativas em educação. *Ciência e Educação*, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327- 345, 2005.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 13-51.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MACIEL, Patrícia Daniela. Os desafios de ser professora e lésbica nas escolas: a arte de viver e produzir o gênero na docência, 2015- 2016. *Revista de Estudos Interdisciplinares em Gênero e Sexualidades*, n. 4, v. 1, p. 254-274, nov 2015.-abr. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/peri.v1i4.15433>. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/15433/10572>. Acesso em: 30 jul. 2019

MARILAC, Luísa; QUEIROZ, Nana. *Eu, travesti: memórias de Luísa Marilac*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

MARILAC, Luiza. *Bons Drink - A origem*. YouTube - 5 de jul. de 2014. Youtube. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=iTG34Va5WaQ&feature=emb_log](https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=iTG34Va5WaQ&feature=emb_logo) o. Acesso em 23 jun. 2023.

MARILAC, Luiza. *Ponto de Vista 99*. dia 05 de abril de 2016. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GpvtGNGhAZk>. Acesso em 01 jun. 2023.

MARTINS, José de Souza. *Uma sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e Henri Lefebvre*. São Paulo: Contexto, 2014.



MISKOLCI, Richard. Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças. 2ª ed. Belo Horizonte: 91 Autêntica, - Cadernos da Diversidade. 2012.

PARKER, Richard G. Na contramão da Aids: sexualidade, intervenção, política. Rio de Janeiro: Abia; São Paulo: Editora 34, 2000.

PRECIADO, Paul. B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. Revista Estudos Feministas, v. 19, n. 1, jan./abr., 2011, p. 11-20. PRECIADO, Paul B. Qui défend l’enfant queer? Libération. 2013. Disponível em: http://www.liberation.fr/societe/2013/01/14/qui-defend-l-enfant-queer_873947. Acesso em: 10 mar. 2023.

PRECIADO, Paul. B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. Revista Estudos Feministas, v. 19, n. 1, jan./abr., 2011, p. 11-20. PRECIADO, Paul B. Qui défend l’enfant queer? Libération. 2013. Disponível em: http://www.liberation.fr/societe/2013/01/14/qui-defend-l-enfant-queer_873947. Acesso em: 05 mar. 2023.

PRECIADO, P. B. Manifesto Contrassexual. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2017.

SANSONE, Ruan Carlos. 'BIXINHA. EU NEM SABIA O QUE ERA ISSO ATÉ ENTENDER QUE ELES ESTAVAM TENTANDO ME OFENDER': narrativas de pessoas LGBT sobre a escola. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2021.

SALES, Ricardo. Diversidade e inclusão: e suas dimensões. Literare Books, 2022.

SILVA, João Paulo de Lorena. Crianças queer no currículo escolar: demandando visibilidade e bagunçando as normas de gênero. In: PARAÍSO, Marlucey Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (Org.). Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

REIDEL, Marina. A pedagogia do salto alto: histórias de professoras transexuais e travestis na educação brasileira. 2013 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação Programa de PósGraduação em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/98604>. Acesso em: 02 jul. 2023.

ROCHA, Leonor Paniago; REIS, Marlene Barbosa de Freitas. A pesquisa narrativa em educação especial. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v.15, n. esp. 1, p.884-899, maio 2020

VELHO, Gilberto. Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. In: VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos (Org.). Cidadania e violência. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 2000. p. 11-25.

WESCHENFELDER, Viviane Inês. Um/a professor/a comprometido/a com as diferenças. In: LIMA, Samanta D. (Org.). Cartas ao professor iniciante. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p.



103-112.

Disponível

em:

https://ifrs.edu.br/farroupilha/wpcontent/uploads/sites/12/2021/03/CARTAS-ao-professor-iniciante_versao-digital.pdf . Acesso em: 13 mai. 2023.